

RESENHA

Baara, de Souleymane Cissé

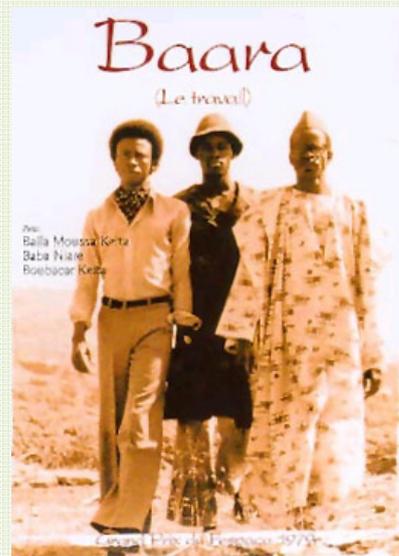
Wanessa Tenório Bezerra¹

Esta resenha analisará o filme *Baara* de Souleymane Cissé, França, 1978. Este filme foi premiado em diversos festivais, melhor fotografia no 31º Festival de Locarno na Suíça. O diretor e roteirista Cissé é um dos grandes cineastas da África, natural de Mali, sétimo maior país da África do Sul com independência em 1960. Nasceu em 1940, estudou em Dakar e em Moscou. Já venceu o prêmio de júri no Festival de Cannes e ganhou diversos prêmios; teve alguns filmes censurados.

Realizou documentários, curtas e longas: *Den muso* (A garota, 1974), *Baara Finyé* (O Vento, 1982), *Yeelen* (A Luz, 1987) e *Waati* (O Tempo, 1995). Seus filmes apresentam uma postura crítica e em *Baara* percebemos a voz denunciante da relação de exploração da elite industrial com o empregado.

A análise se dá sob o ponto de vista social e político da narrativa, bem como a apresentação desse universo africano para o mundo (ocidente), a África apresentada de outra forma.

Apresentaremos o enredo do filme e em seguida faremos a



Ficha Técnica:

- Diretor: Souleymane Cissé
- Elenco: Omou Diarra, Balla Moussa Keita, Bubakar Keita, Baba Niare, Ismaila Sarr
- Título Nacional: Baara
- Título Original: Baara
- Roteiro: Souleymane Cissé
- Produção: Souleymane Cissé
- Fotografia: Abdoulaye Sidibé, Étienne Carton de Grammont
- Trilha: Lamine Konté
- Duração: 90 minutos
- Ano: 1978
- País: Mali
- Cor: colorido

¹ Graduada em Letras pela UNICAP – Universidade Católica de PE

análise do filme baseado no texto de Jean-Paul Satre *Orfeu Negro* e do poema de Antonio Jacinto “*Monagamba*”.

Baara quer dizer carregador de bagagens e o filme trata da história de um jovem chamado Balla Diarra, camponês e baara, que conhece Traoré, o novo engenheiro de uma fábrica que ajuda Diarra dando emprego na empresa privada. O novo engenheiro mostra-se um bom patrão e deseja o melhor para os seus funcionários. Assim, Traoré, acaba entrando em desacordo com a diretoria, ao convocar uma reunião em que os funcionários discutem sobre melhores condições de trabalho e remuneração. Traoré é morto e os funcionários se revoltam.

O filme é uma crítica social ao sistema capitalista. De forma universal, Cissé traz o problema do trabalhador que trabalha muito e recebe pouco; a relação de exploração para favorecer os empresários, uma pseudo-escravidão, uma escravidão sem relação étnica, uma relação social-industrial; e ocorre na África e em qualquer lugar do mundo capitalista.

Alguns costumes da sociedade malinense, bem como sua estrutura e formação, são apresentados: comer com a mão, sem a utilização de talhares; mulher que é posta para fora de casa com os filhos por possível traição; o diretor da fábrica que é traído e mata a esposa; a esposa do diretor da fábrica que se mostra independente diferente da mulher de Traoré que se mostra mais dependente do marido; a questão religiosa; a divisão social ao citar Sanakoll é rico e Sarakoll é pobre.

Satre, no texto *Orfeu Negro*, diz: “E não resta dúvida de que a classe oprimida deve primeiro tomar consciência de si mesma”, e assim Traoré instiga os trabalhadores ao convocar a reunião na fábrica, fato que resultou na sua morte. Os trabalhadores percebem que precisam mudar, “não vai ficar assim, vai passar” diz um dos personagens à Diarra.

No início do filme, uma frase é apresentada: “Toda semelhança dos nomes e fatos é pura coincidência”, prova de que o filme retrata a sociedade malinense e que os fatos apresentados no filme são comuns numa sociedade com uma independência recente (1960).

Baara significa carregador de bagagens em Mali, assim como Monagamba em Angola significa carregador, trabalhador forçado. Percebemos um diálogo entre o poema “*Monangamba*” de António Jacinto, poeta angolano, com o enredo do filme. Uma cena marcante que remete aos versos abaixo é a cena que o engenheiro conversa com o amigo bêbado no bar e o amigo questiona que o trabalhador de empresa privada ganha pouco e trabalha muito e o de empresa pública trabalha pouco e ganha o dobro. Vejamos trechos do poema:

“Naquela roça grande não tem chuva
É o suor do meu rosto que regas as plantações.

(...)

Quem?

Quem faz o milho crescer
E os laranjais florescer
_Quem?
Quem dá dinheiro para o patrão comprar
Máquinas, carros, senhoras
E cabeças de pretos para os motores?
Quem faz o branco prosperar,
Ter barriga grande – ter dinheiro?
_Quem?”

É a relação do empresário e trabalhador, do colonizado e colonizador, relação injusta de exploração, humilhação, submissão e aceitação.,

“O preto que chama seus irmãos de cor a tomarem consciência de si próprios tentará apresentar-lhes a imagem exemplar de sua negritude e voltar-se-á para a sua própria alma a fim de captá-la. Ele se quer farol e espelho concomitantemente; o primeiro revolucionário será o anunciador da alma negra, arauto que arrancará de si a negritude para estendê-la ao mundo, meio profeta, meio guerrilheiro, em suma, um poeta na acepção precisa da palavra vates”. (Sartre, 2005, p.96)

O engenheiro é o farol que fala a epígrafe. Sua morte incita o despertar dos trabalhadores e a última cena, o engenheiro e Diarra caminhando lado a lado e na frente o fogo queima – cena que dá início ao filme – e o filme termina. Cissé também é o farol e espelho ao apresentar uma África numa linguagem universal, sem exotismo e mistério. O prêmio de melhor fotografia não é por acaso, as cenas são precisas e a narrativa flui: imagem, fala e gesto.

Uma obra para ser estudada nas universidades e apreciada, de fato, pela sociedade capitalista.

Referências

Baara, DVD, França/ Mali, 1978.

Baara. Disponível em:

<http://www.cinematotal.com/filmes_details_main.asp?id=2971>. Acesso em: 17.11.2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**: reflexões sobre a questão judaica II Orfeu negro. São Paulo: DIFEL, 2005.